

A EXPERIÊNCIA FUNDAMENTAL DO PENSAMENTO EM JOSÉ MARINHO

A teorização das questões nodais em Marinho exhibe a implicação e a explicação de umas *pelas* outras, de umas *nas* outras, numa quase mesmidade, não sinónima de identidade como mera igualdade.

A rejeição liminar da identidade como mera igualdade, no âmbito de uma ontologia do ser enquanto ser (ser pleno, *omnitudo realitatis* inviabilizadora do não e do nada) está sempre suposta como rejeitada na sua filosofia. Neste aspecto concreto, Marinho é parente próximo do idealismo alemão, mais concretamente de Schelling e de Hegel.

Impõe-se pensar o ser, fazer uma experiência do fundacional, ou seja, do ser da Verdade e da verdade do Ser. Num monismo espiritualista próximo do hegeliano, a gnoseologia do filósofo português é sempre e já uma ontologia, e vice-versa.

Não se trata de negar a existência da realidade cósmica, antropológica, divina ou mesmo satânica. Trata-se, sim, no intuito de lhes captar o sentido, de uma teorização do todo, do Absoluto que exclua o outro, o irredutivelmente outro, absolutamente extrínseco (o que, no âmbito do Todo como Absoluto seria um contra-senso). Este é, por definição, o inoticiável, o inexistente, porque absurdo ou ausente de sentido.

Antes de nos debruçarmos com alguma detenção na questão da experiência fundamental do pensamento em Marinho, deixemos clara a teorização pseudo-filosófica que a inviabiliza e que o nosso Autor não deixa reiteradamente de denunciar.

Com efeito, toda a teorização gnoseo-ontológica da modernidade proibiu tal experiência do pensamento, iludindo o fundamental, ou, se quisermos, o fundacional.

A racionalidade moderna foi afinal preguiçosa: não teve o suficiente alento para levar a interrogação ao originário, à principialidade, falhando também na intencionalidade finalizadora.

Iludiu a complexidade do sentido da relação uno-múltiplo, assentando, por assim dizer, arraiais, numa verdade já tardia, numa multiplicidade já feita, numa diversidade que conheceu à saciedade, podendo-a mesmo dominar a partir da simplicidade lógica de um Uno que mais não é do que a sua exibição objectual, representacional. Conhecer é apresentar, é situar-se ao nível do cindido, sem remontar ao acto de cisão. Mas, pensar, não é tal.

A desconstrução hegeliana de uma ontologia da identidade formal como mera igualdade, a denúncia da limitação da identidade alienadora ao nível do entendimento, e a conseqüente necessidade da sua superação pela identidade como mesmidade de contrários dialecticamente integrados pela razão, é algo que poderíamos considerar como um postulado aceite por Marinho.

Por falta de tempo, não podemos explorar mais o que acabámos de afirmar. Fálmo-emos noutro momento. Claro está que uma síntese terminal de um processo ou temporização dialéctica, se não encontra em Marinho, filósofo de uma racionalidade em aberto. Tal não quer dizer, no entanto, que, como possibilidade, uma teleologia que aponte para um algo integrador da diferenciação qualitativa, da interminável concreção ou determinação discursivo-temporal, se não possa admitir no filósofo portuense.

A ontologia do ser enquanto ser tem de denunciar-se, na medida em que dispensa a experiência fundamental do pensamento e, com ela, a interrogação, o enigma. Toda a crítica hegeliana e também heideggeriana à concepção parmenídea, à univocidade do ser como *omnitudo realitatis*, à proibição do não e do nada no ser, está bem patente em José Marinho. A lógica dicotómica que opõe o sim ao não, o finito ao infinito, o mesmo ao outro, o ser ao nada, inviabiliza – perdoem-me a insistência – o pensar profundo, gnoseo-ontológico-metafísico.

A desconstrução de uma metafísica ontoteológica, de raiz heideggeriana, está bem patente no nosso Autor, como o está toda e qualquer tentativa de positivização (fáctica ou eidética) do pensar e do ser.

Muito embora Marinho tenha a preocupação do não enfeudamento a qualquer corrente ou filósofo – o seu discurso ou teorização é deveras original – é também certo que se situa num universo de discurso de perfil idealista-espiritualista, avesso a todo o substancialismo coisificador, a todo o dualismo excluinte. Claro está que neste aspecto, como em muitos outros, a influência ou parentesco com pensadores portugueses seus contemporâneos, é notória. Cite-se, tão só, a título emblemático, Leonardo Coimbra.

A experiência fundacional do nosso Autor irá também ela “colocar-se” na espacialmente ilocalizável *diferença ontológica*, a que Heidegger chama *Ineinander*, Merleau-Ponty *quiasma*, ou mesmo *dehiscência*, Marinho cisão activa, cisão extrema, ou mais profundamente Insubstancial substante.

Pensamento do misto (esta expressão é também usada por Merleau-Ponty), de um ser que é sempre e já discurso, passagem; instante que, “unindo, cinde e cindindo, une, eternamente”¹; eternidade temporal, substantividade ancorada ou suportada por um insubstancial que não é sinónimo, nem de pura ausência, nem de pura potência.

O pensamento da verdade jamais é de superfície, de apreensão do imediatamente mostrável.

Neste contexto, pensar é negar o imediatamente dado numa intuição parcelar sob a forma de múltipla enticidade mais ou menos atómica e relacionada por justaposição.

Este tipo de conhecimento, próprio da modernidade, coloca-nos, como já dissemos, ao nível duma multiplicidade cindida numa extensionalidade estatizante, num espaço que mantém a diversidade em relações frontais e antitéticas, em rígida oposição alienante, de contraste, de opostos contraditórios. *A* exclui não *A*, e toda a tentativa de um pensar cumulativo do binómio é inviável, ao nível do conhecimento representacional.

Neste preâmbulo tentámos destacar aquilo que o pensamento de Marinho não é, a saber o conhecimento da modernidade que exclui o pensamento, a experiência

¹ Marinho, José, *Teoria do Ser e da Verdade*, Guimarães Ed., Lisboa, 1961, p.76; p.88.

fundacional. É um conhecimento tardio, avesso à experiência integradora e cumulativa de contraditórios. O conhecimento do cindido reporta-se a um sujeito que não assumiu a interrogação acerca da cisão que institui ou origina o cindido.

E, por isso mesmo, a questão acerca da coesão entre o uno e o múltiplo é esquecida ou distorsionada. Quem é ou o que é esse uno para quem é, quem o pensa e como o pensa?

A experiência do pensamento é multimoda. Pode reportar-se à visão unívoca, qual *flash* instantâneo que permite a remissão à plenitude, ao Uno Absoluto em que, sem diferenciações qualitativas ou concreções, sabemos ou imaginamos (através de uma imaginação depurada de todo o imagético, o que é, diga-se de passagem, de difícil aceitação). O Unívoco em que virtual e cumulativamente tudo está, sob a forma de ocultação, exhibir-se-á na cisão em que transita, mas recursivamente.

Assim se entende que o pensamento esteja intimamente unido à interrogação. A propósito, afirma Marinho:

*“Só pensamos na medida em que interrogamos. E assim podemos desde já propor fecundo conceito de filosofia. Filosofar é reassumir incessantemente a interrogação, podendo em cada resposta deixar o vivo apelo para o germe subtil do interrogar imperituro.”*².

O pensamento é interrogação porque o enigma sela, quer o sujeito que interroga, quer aquilo sobre o que incide a interrogação. No seu mais profundo experienciar, e à maneira da questão heideggeriana, quem interroga e aquilo que se interroga, são um e o mesmo. Em palavras do autor: “[o enigma] *marca o encontro solene do homem consigo mesmo.*”³.

Este encontro corresponde-se precisamente com a dehiscência da cisão como Verdade do ser “*qual explosão estabilizada que exige retorno*”⁴, como afirma Merleau-Ponty em *Le visible et l’invisible*.

Trânsito e recurso, cindido, objectuado, concretizado, sempre de e na mesmidade de um ser temporando-se, eis o enigma do humano pensar. Eis a substancialidade de um ser que se desvela ocultando-se, que se explicita, recorrendo a uma abscondita originareidade que escapa aos poderes da pura racionalização representacional.

A experiência fundamental do pensamento exige à partida a visão unívoca, mas não se cinge a ela.

Sem nos determos na complexidade de tal noção, sem dúvida da maior importância filosófica, mas que em Marinho, como noutros pensadores portugueses extravasam a filosofia no sentido estrito, podemos dizer que ela é um suposto de todo o humano existir.

Seja na infância, adolescência ou idade tardia, seja num momento de aflição ou temor, no âmbito mítico ou no religioso, todo o homem experimenta essa visão de plenitude, qual Idade de Ouro ou Paraíso perdido. Marinho não explicita demasiado (será que o poderia fazer sem cair em contradição?) esta visão que ultrapassa os limites gnoseo-ontológicos do homem.

² *op. cit.* p.29.

³ *op.cit.*, p.32.

⁴ Merleau-Ponty, Maurice, *Le Visible et l’Invisible*, Gallimard, Paris, 1964, p. 321.

Mas é dela e nela que cobra significação o pensar como interrogação enigmática, a cisão que jamais se perde na dispersão do cindido que é, como já se disse, simultaneamente trânsito e recurso.

Na visão unívoca, quem em mim interroga como interioridade, mais rigorosamente, como subjectividade, é o Espírito. A propósito, afirma Marinho:

*“E assim o espírito é agora o que pensa no caminho da plenitude longamente recusada ou frustrada do pensar, o que pensa na intrinsecidade do ser vivente e da alma crente e amante, em todos os mais absconditos e secretos sentidos do pensamento.”*⁵

Afinal, é o Espírito que encontra o que chamamos cisão, é ele que em nós se pensa. Se interrogo, o que em mim interroga é o espírito, como aquele a quem foi dado, na unívoca visão, o ser todo na verdade, a verdade toda no ser.

Para Marinho, é sempre a partir da cisão que a relação primigénia do ser unívoco, da visão unívoca, se patenteia.⁶ Portanto, toda a visão do unívoco é referência por retroferência. Ao nível do pensamento não será ela afinal um puro Deus abscondito, com ressonâncias da mística bohemiana ou eckartiana? Noutra lugar, poderei tratar com mais pormenor deste tema, relacionando-o quiçá, com o Ser como começo, como primeira imediação, designadamente ao nível da filosofia da história, e do unívoco originário do filósofo portuense.

Na viagem empreendida pela *Teoria do Ser e da Verdade* caminha-se paulatinamente para um pensamento mais denso, mais profundo, mais abissal, mais próximo do Nada.

A teorização das noções-chave – Visão unívoca, cisão, insubstancial substante, etc, aparecem-nos, num primeiro momento, descritas numa detecção de superfície, sendo o unívoco o deslumbrante e simples uno, e a cisão, a produtora do cindido, do separado, do cognoscível.

A viagem vai adentrando-se pelos escolhos de uma complexidade crescente, em que a diferença irreduzível, a opacidade desveladora rege o próprio caminhar. É nessa enigmática charneira que o pensamento se torna interrogação:

*“O real... é o misto da cisão, pelo qual nem o que é, é, nem o que não é, não é, nem a verdade pode assegurar-se, nem o pensamento consistir na não-verdade.”*⁷

Mais adiante, prossegue Marinho:

*“então o ser perde da sua presença volumosa, mas vã e opaca, ganha a autêntica e diáfana imensidade. Tal qual verdadeiramente é o surpreendemos, e o menos e o mais, como o que é em seu não ser, e não é no seu ser. Então dissemos... o pensamento assume o Nada. Então, mas só então, é dado falar do espírito e o pensamento se conhece propriamente como espírito.”*⁸

⁵ Marinho, José, *op.cit.*, p.32.

⁶ cf. *op.cit.*, p.59.

⁷ *op.cit.*, p.105.

⁸ *loc.cit.*.

Para o filósofo, este espírito é “o *insubstancial substante*, o que dizemos, mas com a certeza de que o negamos de algum modo ao dizê-lo...”⁹

Sem a teorização da cisão e do Nada, sem a doutrina do insubstancial substante, não é possível a experiência da verdade e do pensamento, isto é “a *revelação do saber em seus últimos graus*.”¹⁰ Assim sendo, o clímax do pensamento atinge-se no momento em que o Ser, como o Todo, assume o Nada.¹¹

A radicalização da cisão leva-nos à cisão extrema que viabiliza o insubstancial substante, simbolizada por Cristo:

“Assim, tudo quanto substancial e simbolicamente se cumprira na cruz, onde no seio da união impassível ‘Eu e o Pai somos um’, se revela a cisão desde o abismo onde é a origem Meu Pai, meu Pai, porque me abandonaste, se cumpre agora pois ‘Tudo está cumprido em todo o ser do Homem’.”¹²

A propósito do insubstancial substante, ou cisão extrema no humano, afirma Marinho:

“Filhos da criação e da geração do ser, no ser situamos a verdade e, na relação de ser, critério de verdade. Aquele, porém, que para nós emerge da cisão e do ser da cisão como o Nada, e é assim o último para nós, se revela como o primeiro, o sem o qual não há sentido de ser algum, nenhum fim e finalidade, nenhum destino. Como mostrar entretanto que o que designamos como insubstancial substante, surgindo para nós pela cisão seja, como se fosse, o de que emerge toda a visão unívoca do ser e da verdade a cisão de tudo o que é como ser e substância?”¹³

Marinho, como se vê, avançou uns passos: o ser e a verdade da visão unívoca é, afinal, o Nada, tal como o é da cisão:

“Seja qual for o nome pelo qual se designa... a *assumpção do Nada pela cisão é a fonte de todo o sentido e significação*...”¹⁴

Não vou esclarecer o sentido e a importância do Nada na *Teoria do Ser e da Verdade*. Outros já o fizeram melhor do que eu o faria, neste colóquio.

Convém no entanto reparar de que é justamente pela teoria do Nada que Marinho não é nihilista, não é relativista; é pelo Nada que Marinho é metafísico, espiritualista, enfatizando a importância do Divino, do Religioso, do Criador. E é-o, na medida em que, não sendo entificável, não é resolúvel pela simples razão humana. O Nada é-o, porque o mundo e o homem são eternamente, num contínuo transcender-se, expectante do agônico termo como abertura ao Divino. O Nada é a designação desse algo inobjectivável, que marca todo o ser como ânsia de caminhar, de transitar, num caminho trilhado pela determinação em constante ultrapassamento de si, sob a atração de um amor universal, apelo do Inominável Absoluto.

⁹ *op.cit.*, p.106.

¹⁰ *op.cit.*, p.110.

¹¹ cf. *op.cit.*, p.113.

¹² *op.cit.*, p.83.

¹³ *op.cit.*, p.87-88.

¹⁴ *op.cit.*, p. 147.

Qual é afinal a última forma da *Teoria*?

A esta questão o nosso Autor responde: a que faz depender toda a revelação e todo o saber em seus últimos graus da cisão e da doutrina do Nada.¹⁵

*“A que leva o nome de insubstancial substante é aquele fundo irrefragável por que existem vida e morte, amor e o seu contrário, crer e descrever, saber e ignorar, tudo quanto se revela e oculta.”*¹⁶.

Aquilo a que inicialmente se chamara *Visão e ser da visão unívoca* é agora *“emergência do insubstancial substante.”*¹⁷.

Consciente de um progressivo aprofundamento em ordem à experiência fundamental do pensamento, afirma Marinho:

*“Nós, seguindo os ínvios caminhos, e não foi dado ser e pensar senão para tal, sondámos quanto foi possível a cisão, meditámos por outro lado o uno ser da cisão, atendemos o cumulativo ser e verdade de ambos e por isso assumimos a responsabilidade do pensamento.”*¹⁸.

Um pensamento responsável não pode eximir-se à resposta, à interpelação crucial e auroral de que está suspenso o humano existir.

Kierkegaard afirmara que a modalidade lógica da existência é a possibilidade como risco, jamais convertível em necessidade. A este propósito, afirma o nosso Autor:

*“É através do que flui que o eterno se garante. O insubstancial tem o segredo de toda a substância. Não pelo que afirma seguro de si vem a verdade ao mundo, mas pelo que interroga e tem o sentido da responsabilidade imensa de interrogar e responder.”*¹⁹.

O Nada, no humano pensar, é quem viabiliza a relação razão-fé, é essa insubstancialidade, esse algo que não posso localizar empírica ou entitativamente, por ser abertura. Só o pensamento que o assume permite a relação com a fé, porque não se fecha num puro e absoluto racionalismo. Ouçamos o pensador portuense:

*“Nós não concebemos para conceber, nem julgamos para julgar. Concebemos e julgamos. Porque assim o exige o pensamento finito de uma intuição infinita, quais existem, se podemos dizer ‘existem’, em nossa humana condição.”*²⁰.

O Nada, como insubstancial substante, o que sustenta e garante fundacionalmente o pensar e o sentir, corresponde-se, segundo creio, com um Deus esvaziado de essência,

¹⁵ cf. *op.cit.*, p.110.

¹⁶ cf. *op.cit.*, p.115.

¹⁷ cf. *loc.cit.*

¹⁸ *loc.cit.*

¹⁹ Marinho, José, *Estudos sobre o pensamento português contemporâneo*, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1981, p.13.

²⁰ *op.cit.*, p.16.

despositivizado, enfim, com um Infinito não concebido a partir de categorias finitas, indevidamente extrapoladas. Foi isso que fez a modernidade, contra a qual se insurge, e uma certa teologia que Marinho também não aceita.

Ouçamos o nosso filósofo:

*“Para os modernos, a apreensão ou o conhecimento de Deus aparece como o fim visado para além de um ser ou de um saber que, confiante em si próprio, plenamente se considera realizado.”*²¹.

Para nós, prossegue, *“Deus aparece como o suposto necessário de tudo quanto existe.”*²².

Na experiência fundamental do pensamento *“este é o máximo que se pede e o mínimo que se pode pedir.”*²³.

Relativamente à relação filosofia/teologia, afirma:

*“A filosofia estará em dinâmica e necessária relação com ela [a Teologia], no ponto de partida ou no termo do processo do conhecimento, ou num e noutro, e em todo o processo (...). Afirmaremos, pois, que toda a filosofia é teologia ou tende a sê-lo, com a ressalva, que cremos fundada e significativa, de que Deus pode aparecer como o não revelado ou não apreendido ainda. Neste caso, suporá e tenderá a constituir inevitavelmente uma ontologia fundamental.”*²⁴

O Nada é esse algo em que o pensamento se institui, essa ausência que comparece a todo o instante, a indiciar um algo Absoluto e, por isso mesmo, renitente a toda a humana determinação ou concreção. O Nada não é por isso, sinónimo de negação lógica do ser (o ser é, o não ser não é). Na senda heideggeriana, assim se institui o pensamento que não se fecha em si mesmo e que, ancorado nesse Absoluto abscôndito, é coesão imperitura, esperança, expectância inelutável.

Por isso mesmo, Marinho critica duas atitudes por igual infecundas: a que exclui o pensamento em nome da fé, e a que considera a fé como simples forma caduca ou obliterada do ser do homem.

Na experiência fundamental do pensamento está sempre e já suposto um Deus, cuja ausência ou insubstancialidade “comparece” na substancialidade de um ser que, ao temporar-se, não se perde, porque é sempre e já recursivo, mesmidade em doação de si, absolutamente genesiaca, eternamente engendrada.

Pensar significa assumir a interrogação, não apenas como enigma do ser em nós ou para nós, mas como enigma da Verdade em nós e para nós. E tal Verdade, em última instância, remete a um Deus muito próximo da “sabedoria iniciática” que transita e recursa da necessidade substancial para a essencial liberdade; que instantaneamente une para simplesmente cindir; do que infinitamente cinde para absolutamente unir.²⁵

Maria José Cantista

²¹ *op.cit.*, p.17.

²² *loc.cit.*

²³ *loc.cit.*

²⁴ *loc.cit.*

²⁵ cf. Marinho, José, *Teoria do Ser e da Verdade*, p. 169.